



Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências sociais aplicadas: avanços, recuos e contradições

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] : avanços, recuos e contradições / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-248-7 DOI 10.22533/at.ed.487201008 1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta através do e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, recuos e contradições” pesquisas que contemplam debates bastante relevantes, considerando-se a importância da pesquisa para reconhecimento e registro dos impactos das consequências das contradições postas no atual contexto nacional.

O e-book é composto por vinte e dois artigos, com temáticas relacionadas principalmente a três eixos: Empreendedorismo e gestão empresarial; Cidadania e políticas públicas e Estratégias relacionadas a resolução de conflitos e processos judiciais.

No eixo que se refere ao empreendedorismo e gestão empresarial, os estudos são tratados a partir da análise do processo de planejamento, gestão de pessoas, estratégias competitivas, sustentabilidade e possíveis impactos diante da diminuição do apoio do poder público no que se refere a áreas de desenvolvimento.

As pesquisas que se relacionam com a temática cidadania e políticas públicas são contempladas a partir de um mapeamento de estudos que se referem aos processos de exclusão social nos programas de pós graduação, impactos nas políticas públicas diante das mudanças dos processos de gestão e formas de atuação estatal, a comunicação como estratégia para democratização e visibilidade dos direitos, questões de gênero, patrimônio histórico e habitação.

As mudanças que vem ocorrendo na forma de atuação do sistema judiciário ganham visibilidade nas pesquisas publicadas, ao apresentarem como objeto de análise a conciliação, a resolução de conflitos, a auto confrontação e a justiça restaurativa.

Esperamos que o e-book possa contribuir com o compartilhamento das pesquisas realizadas, fortalecimento da ciência como instrumento de democratização do conhecimento, bem como, que favoreça a realização de novos estudos para desvelamento dos avanços, recuos e contradições postos no cotidiano da vida em sociedade.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A BRASILEIRA EMPREENDEDORA DO SÉCULO XXI: O PERFIL, MOTIVAÇÕES E DESAFIOS	
Francisco Antônio Gonçalves de Carvalho Wesley Fernandes Araújo Neila Pio de Moraes Stênio Lima Rodrigues José Janielson da Silva Sousa Luzia Rodrigues de Macedo Neilany Araujo de Sousa Ana Maria Soares de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.4872010081	
CAPÍTULO 2	14
A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DE MARKETING NO EMPREENDEDORISMO: UMA ANÁLISE DA INCUBADORA MACKENZIE	
Matheus de Souza Silva Roberto Gondo Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.4872010082	
CAPÍTULO 3	30
A INFLUÊNCIA DA LIQUIDEZ E DO ENDIVIDAMENTO NA MARGEM EBIT DAS EMPRESAS BRASILEIRAS DE CAPITAL ABERTO	
Jose Matias Filho Caio Yudi Kunii	
DOI 10.22533/at.ed.4872010083	
CAPÍTULO 4	43
GESTÃO DE PESSOAS EM PROJETOS NO WALT DISNEY WORLD	
Beatriz Dantas Marques Virgínia do Socorro Motta Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.4872010084	
CAPÍTULO 5	55
MODELO SEE-NOW, BUY-NOW COMO ESTRATÉGIA COMPETITIVA DENTRO DA MODALIDADE FAST-FASHION NA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL	
Liliane Melo de Lima Ana Lúcia Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4872010085	
CAPÍTULO 6	65
EVENTOS E SUSTENTABILIDADE: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES	
Felipe de Oliveira Silva Maria Carolina Bucco Mirian Teresinha Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.4872010086	
CAPÍTULO 7	76
O IMPACTO DA REDUÇÃO DE APOIO DO GOVERNO NO PROCESSO DE APRENDIZADO E INOVAÇÃO NO APL DE ARTESANATO DE PALHA EM MASSAPÉ - CE	
Luis André Aragão Frota Anne Graça de Sousa Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.4872010087	

CAPÍTULO 8	95
A EXCLUSÃO SOCIAL E SUAS INTERFACES TEMÁTICAS: MAPEAMENTO DE TESES (2015 – 2017)	
Deborah Yoshie Arima Arlinda Cantero Dorsa	
DOI 10.22533/at.ed.4872010088	
CAPÍTULO 9	107
DO PROGRAMA DE BRAÇOS ABERTOS AO PROGRAMA REDENÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS NA CRACOLÂNDIA NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Alessandra Medeiros Viviane de Paula Geovane Borges da Silva Leonardo dos Santos Lindolfo	
DOI 10.22533/at.ed.4872010089	
CAPÍTULO 10	119
O PODER DO RÁDIO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE DIVULGAÇÃO DO DIREITO E ACOMPANHAMENTO DAS MUDANÇAS SOCIAIS	
Luiz Jeha Pecci de Oliveira José Manfroi	
DOI 10.22533/at.ed.48720100810	
CAPÍTULO 11	131
RELEVÂNCIA DAS VARIÁVEIS LATENTES EM CIÊNCIAS SOCIAIS: UMA DISCUSSÃO NO ÂMBITO DA ANÁLISE FATORIAL E DA MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.48720100811	
CAPÍTULO 12	145
SOCIALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA	
Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa Adir Luiz Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.48720100812	
CAPÍTULO 13	157
HABITAÇÃO RIBEIRINHA EM MANACAPURU: ESTUDO DAS VEDAÇÕES DOS ENCAIXES POR PROTOTIPAGEM RÁPIDA	
Ana Carolina Sevzatian Terzian Célia Regina Moretti Meirelles	
DOI 10.22533/at.ed.48720100813	
CAPÍTULO 14	171
A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO POR MEIO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: O CASO DO ESPAÇO HAROLDO DE CAMPOS DE POESIA E LITERATURA (SP)	
Letícia Cassiano dos Santos Juliana Maria Vaz Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.48720100814	
CAPÍTULO 15	184
ANDROID-GYNE: PERFORMANCE, GÊNERO E LIMINARIDADE	
Ana Beatriz Barreira Leite Romário Cosme da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.48720100815	

CAPÍTULO 16	192
BANCA PERMANENTE DE CONCILIAÇÃO: INSTRUMENTO PARA PREVENIR E COMPOR CONFLITOS JUDICIAIS E OS REFLEXOS PÓS-COVID-19	
Tatiane Oliveira Martins	
Jéssica Daiane Filgueiras Sampaio	
Joseline Mangabeira da Silva	
Alexandre Ernesto de Almeida Pereira	
Liliane Vieira Martins Leal	
DOI 10.22533/at.ed.48720100816	
CAPÍTULO 17	204
ESTUDO SOBRE ASPECTOS DA FORMAÇÃO E DO PAPEL DO INTERVENIENTE NA CLÍNICA DA ATIVIDADE: EM SITUAÇÃO DE AUTOCONFRONTAÇÃO	
Dalvane Althaus	
DOI 10.22533/at.ed.48720100817	
CAPÍTULO 18	222
JUSTIÇA RESTAURATIVA COMO CAMPO DE PRATICAS SOCIOEDUCATIVAS	
Stella Maris Flores Cucatti	
DOI 10.22533/at.ed.48720100818	
CAPÍTULO 19	233
ENTRE “MORTADELAS” E “COXINHAS”: O DISCURSO POLÍTICO DOS YOUTUBERS BRASILEIROS	
Amanda Cristine Zanoto Fouani	
DOI 10.22533/at.ed.48720100819	
CAPÍTULO 20	243
MARIA JOSÉ BEZERRA DE ARAÚJO: UMA HISTÓRIA DE VIDA	
Stephanie Jully Santos de Oliveira	
Michelle Marques Manhães	
Rayssa da Cruz Ramos Silva	
Priscila da Silva Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.48720100820	
CAPÍTULO 21	253
AVALIAÇÃO DO GRAU DE EMPREENDEDORISMO DE EMPREENDEDORES DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM	
Daiane Oliveira Medeiros	
Ana Flávia Monteiro Diógenes	
Paula Maria Pedrosa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.48720100821	
CAPÍTULO 22	263
ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DA CESTA BÁSICA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM	
Daiane Oliveira Medeiros	
Ana Flávia Monteiro Diógenes	
Renan Gonçalves Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.48720100822	
SOBRE A ORGANIZADORA	273
ÍNDICE REMISSIVO	274

SOCIALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

Data de aceite: 30/07/2020

Data de submissão: 04/06/2020

Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN), Centro de Educação (CE)
Natal - RN

<http://lattes.cnpq.br/0325994573760828>

Adir Luiz Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN), Centro de Educação (CE)
Natal - RN

<http://lattes.cnpq.br/0341824719316863>

RESUMO: A partir de uma revisão acerca da socialização acadêmica, o presente artigo tem como objetivo discutir a importância da socialização no Ensino Superior, e como a mesma é vista como uma questão de sobrevivência para a permanência. A fim de atingir esse objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da temática estudada. A partir dessa revisão, utilizando autores que são fundamentais para a discussão, como Coulon (2008) e Ferreira (2014), foi possível refletir sobre as rupturas geradas pela mudança do Ensino Médio para o Ensino Superior, importância que socialização no ambiente

universitário tem para a permanência e como o primeiro ano na Universidade é crucial para a construção de vínculos afetivos. Dessa forma, o presente estudo colabora para pesquisas sobre as vivências significativas, isto é, com meios e propósitos conhecidos (permanência e conclusão do ensino superior), que podemos conhecer os sentidos objetivos e subjetivos dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Socialização. Ensino Superior. Sobrevivência.

SOCIALIZATION AT HIGHER EDUCATION: A MATTER OF SURVIVAL

ABSTRACT: Based on a review over academic socialization, this articles aims to discuss the importance of socialization at higher education and how it is seen as matter of survival to conclude the course. In order to achive the objective of this article, a biographycal review was realized over the topic investigaded. Through this review, making use of crucial authors, such as Coulon (2008) and Ferreira (2014), it was possible to reflect upon the ruptures caused by the transition from High School to College, the importance of socialization at the university environment to the continuity and conclusion of the course, and how the first year at college can be essential to the

construction of emotional bonds. Bering this in mind, this study collaborate to researchs about substantial experiences, with known tatics and goals (stay and conclusion at the university), which can help us to know about the students' objective and subjective senses.

KEYWORDS: Socialization. Higher Education. Survival.

1 | INTRODUÇÃO

A socialização, de uma forma geral, é um fator decisivo e inevitável na vida social e psíquica do sujeito, e na experiência coletiva e pessoal do Ensino Superior não seria diferente. Compreende-se a socialização no mundo universitário como o conjunto de conhecimentos culturais e práticas de convívio na instituição entre os seus membros, que são definidas e desempenhadas principalmente por professores e estudantes, considerados como grupos sociais que tanto interagem entre si quanto têm formas próprias de interação no interior do seu grupo. Assim, além da relação com outros membros da instituição, como professores e funcionários, é a partir da socialização entre seus pares que os estudantes se tornam membros funcionais da comunidade acadêmica, isto é, reconhecem e desempenham os seus papéis sociais como estudantes universitários. É nessa interação que o sujeito internaliza o coletivo, como ideias, valores, costumes e crenças que são estabelecidas pela sociedade e internalizadas pelo indivíduo, adaptando-se à experiência social em que está inserido.

No Ensino Superior, a socialização vem como um dispositivo de alívio afetivo, visto que a grande parte dos estudantes que consegue criar laços entre si veem o contato e a relação com seus colegas de curso como uma forma de apoio, que é tanto emocional quanto acadêmico. E é logo no primeiro ano de convivência no curso que os estudantes, em sua grande maioria, conscientes do longo período de convívio que é o período universitário, iniciam esses laços que tendem a ser duradouros. Dessa forma, o primeiro ano de curso acaba sendo mesmo crucial para a construção desses vínculos afetivos, que também se tornam fontes de sustentação acadêmica para a permanência produtiva no curso.

Diante disso, esta pesquisa que está centrada na socialização estudantil no Ensino Superior se faz relevante visto que pesquisas de cunho sociológico são realizadas, porém tem sido pouco valorizada a dimensão da perspectiva do sujeito, ou seja, considerar na análise a percepção e compreensão do estudante como pessoa, e sua atuação como membro de um grupo social próprio. Essa necessidade em se estudar o espaço íntimo do indivíduo, na forma como ele se desenvolve em ambientes mais coletivos, como é a Universidade, pode ser vista como uma oportunidade em se conhecer o público para quem essas instituições foram destinadas, o estudante.

Como estrutura educacional, é evidente que estudar Ensino Superior (ES) se faz pertinente quanto à atual realidade da educação brasileira e a expansão do acesso ao ES, como variável educacional indispensável dos países para se integrarem na economia

global, na perspectiva de um almejado desenvolvimento econômico, social, científico e tecnológico. Na última década, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de matrículas realizadas no Ensino Superior (ES) saltou de 4,2 milhões em 2004, para 8,1 milhões em 2014 (BRASIL, 2015).

Outro fator pertinente às necessidades emergentes da sociedade atual, que oscila entre as crises provocadas pelos acelerados avanços tecnológicos e pela acentuação das desigualdades sociais, ao lado da emergência pública das diversidades e das liberdades individuais. Todavia, esse individualismo é simultaneamente a forma cultural de satisfação consumista e meio de participação crítica da cidadania na racionalidade do capitalismo global contemporâneo (LIPOVETSKY; SERROY, 2011; BAUMAN, 2008). Nesse contexto histórico da cultura do individualismo consumista, mas também de uma base educacional ampliada da cidadania, se justifica a necessidade de se entender os efeitos dos espaços de convivência sobre os indivíduos, ainda mais quando esses ambientes coletivos são estruturas educacionais de formação cultural e profissional com profundas consequências sobre a vida social dos seus integrantes, no presente e no futuro, como é a experiência da Universidade. Isso significa dizer que dentro das reflexões acerca dos espaços coletivos, os aspectos subjetivos na formação dos indivíduos que deles participam têm se tornado uma dimensão mais evidente e desafiadora para as análises sociológicas, mas com abordagens interdisciplinares, especialmente psicológicas e políticas.

Partindo disso, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão problematizadora acerca da socialização no Ensino Superior e a importância que ela tem para a permanência dos estudantes na universidade. Além disso, o artigo contará com autores que são fundamentais na discussão acerca da socialização acadêmica, como Coulon (2008) e Ferreira (2014).

2 | SOCIALIZAÇÃO ACADÊMICA E O PRIMEIRO ANO NA UNIVERSIDADE

O ingresso no Ensino Superior é marcado por diversas rupturas em relação ao seu passado escolar pois, os estudantes se veem em um espaço nada parecido com o que está acostumado, pois, estes vieram socializados de acordo com a educação escolar anterior (FERREIRA, 2014). Para Teixeira et al. (2008, p.186):

O mundo universitário, por outro lado, é bem menos estruturado que o mundo escolar. Os colegas não são mais os mesmos, havendo a necessidade de se estabelecerem novos vínculos de amizade.

Dessa forma, “[...] a socialização é um processo permanente e nunca concluído, implicando esforços contínuos de atualização” (ABRANTES, 2001, p.125). Enquanto não estabelece vínculos com seus colegas, o estudante conta apenas com seus próprios artifícios psicológicos e o apoio das redes formadas anteriormente para enfrentar as

possíveis dificuldades que possam surgir (TEIXEIRA et al, 2008). Diante disso, com a necessidade de se adaptar nesse novo ambiente, o estudante se vê em uma situação em que socializar-se com os seus colegas de curso é uma forma de se manter na instituição. Nesse sentido, para Medeiros (2018, p. 73) no que diz respeito à relação da socialização com a permanência:

O que se têm percebido é que um importante facilitador tanto da adaptação quanto da permanência subsequente a ela de estudantes está centrado na socialização entre pares.

A entrada na vida universitária faz com que o estudante tenha que se adaptar a esse novo mundo. De acordo com Coulon (2008), o estudante no ambiente universitário passa por três grandes fases de adaptação ao longo dos primeiros meses na instituição: *tempo de estranhamento*, *tempo de aprendizagem* e *tempo de afiliação*. Na primeira fase, o estudante passa por uma separação com o passado escolar ao qual está familiarizado, fazendo com que ele perceba rapidamente, pelas exigências de demonstrar simultaneamente autonomia intelectual e bom desempenho acadêmico, que estar na Universidade não é como estar no Ensino Médio, quando se podia eventualmente contar com formas de tutela curricular e recorrer ao paternalismo pedagógico dos professores.

Já na segunda fase, a de *tempo de aprendizagem*, o estudante, segundo o autor, passa por um período doloroso, cheio de inseguranças, dúvidas e incertezas, pois a “[...] necessária desestruturação que acompanha o esquecimento de seu passado, não sucede, imediatamente, a reestruturação que o fará passar, definitivamente, para a terceira fase” (COULON, 2008, p. 40). Após a passagem por essas duas fases, “[...] uma aprendizagem complexa se opera e há de ser feita o quanto antes, já que é indispensável para prosseguir na passagem para a vida universitária” (COULON, 2008, p.40), preparando o aluno para a terceira fase, aquela do *tempo de afiliação*.

Nessa terceira fase, o estudante se sente seguro para assumir o seu novo estado de veterano, como estudante experimentado e confiante nas suas capacidades de superar obstáculos acadêmicos. É o período também em que as chances de abandono do curso são menores do que na primeira fase. Para Ferreira (2014, p.119):

Adaptar-se simultaneamente às exigências cognitivas e relações sociais do ensino superior, contando com amigos, colegas e professores para suprir as deficiências organizacionais, não é uma “escolha” dos estudantes: a maioria descobre rapidamente que é a única chance de sucesso real nos seus projetos de estudo e de formação profissional.

Diante das fases estabelecidas por Coulon (2008), essa adaptação ao Ensino superior não ocorre de uma forma linear, sendo tal processo adaptativo marcado por diversas dificuldades, com suas inevitáveis frustrações de projetos e decepções no convívio social, ao lado dos episódios de acertos, apoio de colegas e satisfação na vida universitária cotidiana. Em diversos momentos críticos do seu percurso acadêmico, a auto avaliação cognitiva e social, sobre as chances de sucesso ou de fracasso nas estratégias

adotadas, pode levar o estudante à decisão de abandonar o curso. Ao contrário, é a partir das relações formadas desde o primeiro ano de curso, quando o estudante se investe nos processos cotidianos de pertencimento comunitário, como se sentir efetivamente parte de um grupo e se sentir identificado e satisfeito no ambiente universitário, e serão esses sentimentos que irão motivar o estudante a permanecer no curso. Com essa breve explanação, discutiremos sobre a importância da socialização para a permanência no Ensino Superior, bem como a forma como essa socialização ocorre.

3 | UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

Antes de iniciar a discussão sobre socialização, é importante diferenciar a *socialização* da *sociabilidade*. A socialização é um processo coletivo e biográfico, vinculado às formas de aprendizagem e de aceitação das diretrizes culturais abstratas e de normas cotidianas que orientam a vida comum em uma comunidade. Já a sociabilidade, seria o conjunto de capacidades inatas dos humanos a estabelecerem laços pessoais e relacionamentos duradouros, mesmo que convivendo com tendências ao individualismo egoísta e à resistência diante de normas sociais prescritivas.

Ainda assim, muitas das capacidades emocionais necessárias para a interação cotidiana uns com os outros, para a manutenção do convívio e para a linguagem, que permitem expressar sentimentos como solidariedade, empatia e orgulho, assim como medo, culpa e vergonha, sejam igualmente resultados da evolução e de construções sociais (TURNER, 2000). Em outras palavras, a tendência histórica dos seres humanos para se manterem em sociedade, mesmo que essa orientação seja também fruto da evolução da espécie humana, exigiu que meios neurológicos e formas sociais para a vida comum, especialmente através do reforço da afetividade emocional e da linguagem cultural, fossem desenvolvidas pela socialização normativa, mas que buscassem igualmente a realização da condição humana pela sociabilidade afetiva.

Diante dessa diferenciação, de acordo com Ferreira (2014), a sociabilidade dos estudantes universitários pode ser dividida em três modos: o *modo solitário*, evitando a vida social e preferindo o isolamento; o *modo gregário*, no qual alterna-se entre a vida social e o recolhimento pessoal; e o *modo societário*, engajando-se intensamente nos contatos sociais e nas formas da vida coletiva.

Os estudantes que estão tanto no *modo gregário*, quanto no *modo societário*, têm maiores chances de desenvolverem laços no curso e, conseqüentemente, a permanecerem e a realizarem o percurso da graduação de uma forma mais completa e mais leve, visto que a relação entre pares é um dos principais pontos para a permanência dos estudantes no Ensino Superior.

A socialização, sendo ela, inicialmente, a capacidade do indivíduo em se integrar ao grupo em que nasceu, absorvendo o conjunto de hábitos e práxis característicos daquele

grupo, de acordo com a clássica proposição de Berger e Luckmann (1985), existem dois tipos de socialização: a primária e a secundária. A primária é considerada a primeira socialização que o indivíduo conhece na infância, tornando-se membro da sociedade. Já a socialização secundária é qualquer processo que ocorre depois que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. No momento de vida em que se é estudante na Universidade, a socialização secundária já está ocorrendo, e é nessa socialização que o estudante terá aprendizagens das expectativas que o grupo (dos outros estudantes e da própria instituição) deposita no indivíduo.

Corroborando com o que foi dito anteriormente, para Coll (2004), a socialização ocorre através de três processos: mentais de socialização, que correspondem ao conhecimento de valores, costumes, aquisição da linguagem; afetivos, que se manifesta por meio da empatia, apego e amizade; e os processos atitudinais de socialização, que são aqueles que envolvem a incorporação de condutas consideradas socialmente aceitáveis.

No ambiente universitário, a socialização pode ocorrer através desses três processos, desde a aquisição dos novos valores desse ambiente até a aquisição das condutas que são socialmente aceitas no ES. Completando o pensamento de Coll (2004), Ferreira (2004, p. 14) discute que, um dos aspectos da socialização ligados à escolaridade é: “a possibilidade de obtermos reconhecimento público a partir de nossa educação pessoal, isto é, o conjunto de saberes e conhecimentos que aprendemos e que nos foram ensinados”. Diante disso, em relação à perspectiva da vida acadêmica no Ensino Superior, Paivandi (2014, p.50) argumenta que a socialização é:

[...] um processo que permite ao estudante se apropriar do papel dos outros e de construir assim seu “Eu” enquanto estudante. Levar em consideração o papel do outro remete ao processo de adaptação mútua, de apropriação recíproca dos papéis que se realizam nas interações visíveis e invisíveis do ambiente universitário. Esse processo de adaptação permite a interiorização de atitudes, de dispositivos, de valores, de crenças e de expectativas.

Diante disto, no que se diz respeito à socialização no ambiente universitário, ela pode ser classificada de duas formas, como socialização convival-curricular (SCC) e a socialização interpessoal-amigável (SIA). Para Medeiros, Costa e Ferreira (2016), a SCC tem seu peso maior na vivência acadêmica, nas atividades curriculares. Já a SIA é a relação estudante-estudante, que leva em consideração as experiências pessoal-grupal entre os amigos e colegas do curso, além da vivência social cotidiana extraclasse.

Corroborando com Medeiros, Costa e Ferreira (2016), Medeiros (2018) traz a discussão sobre a socialização para além da sala de aula, que elas podem ser classificadas como socialização extraclasse e extrauniversidade. Segundo a mesma autora, a socialização extraclasse é caracterizada pelas relações informais que ocorrem em espaços da Universidade, como corredores, cantinas. Já a socialização extrauniversidade compreende em ambientes externos à Universidade, como bares, shoppings.

Diante do que foi exposto anteriormente, esses conceitos colaboram para uma

reflexão sobre as formas de socialização no ambiente universitário e também para além dos muros da instituição e a sua contribuição para o desenvolvimento de relações entre pares, sejam elas mais restritas aos momentos comuns na instituição, ou até mesmo quando esses momentos comuns afloram o desejo de se ter relações mais significativas fora do ambiente universitário.

Para complementar sobre a temática da socialização no Ensino superior, trarei alguns pontos que são de fundamental importância para termos uma melhor visão acerca da temática. Dessa forma, discutiremos a seguir sobre a transição do Ensino Médio para o Ensino Superior, a importância de filiar-se à instituição de ensino e a relação da socialização com a permanência.

Diante disso, a transição do Ensino Médio para o Ensino Superior traz consigo diversas rupturas na vida do estudante, sendo elas nas condições de existências, que pode gerar ansiedade e comportamentos que podem favorecer o fracasso; uma ruptura psicopedagógica, na qual a relação com o professor no Ensino Superior é reduzida, levando em consideração a intensidade do acompanhamento dos professores no Ensino Médio (COULON, 2008). Para Silva (2017, p. 81):

O período inicial da vida do estudante na universidade é marcado por *rupturas* que se dão no processo de transição de *status* de aluno para a posição de estudante. Nesse contexto, *filiar-se* é fundamental para a continuidade nos estudos, onde se aprende o ofício de estudante para que, só assim, se torne um membro do contexto social universitário (itálicos do autor).

Para além disso, adentrar ao ambiente universitário implica na ruptura de “vícios” da dinâmica estudantil conhecida até o momento, em especial, na forma como a aprendizagem é elaborada. Na Universidade, diferentemente da escola, não há “autoridades” que vigiem os estudantes (MEDEIROS, 2018). Assim, no ambiente universitário, o estudante tem que lidar, na maior parte do tempo, sozinho com as rupturas, sem o apoio da instituição. Nesse momento de rupturas e quebra de vícios, o estudante, como uma forma de não ser eliminado ou auto eliminar-se, tem a necessidade de aprender a se tornar um membro nativo nesse novo ambiente. De acordo com Coulon (2008, p.43):

Os estudantes devem tornar-se nativos desta nova cultura universitária, tornarem-se membros dela, pois, para eles, isso é uma questão de sobrevivência. A noção de membro [...] permite compreender a necessidade e as condições dessa passagem para o status de nativo. Tornar-se membro, não é apenas tornar-se nativo da organização universitária, é também ser capaz de mostrar aos outros que agora possuímos as competências, que possuímos os etnométodos de uma cultura.

Sobre filiar-se e se tornar um membro, para Dionísio (2004), a filiação é um processo de socialização ao mundo universitário, sendo ela capaz de naturalizar a incorporação das práticas, o funcionamento e as regras institucionais e intelectuais. Dessa forma, a filiação apenas torna-se legítima quando o estudante se torna um membro competente da Universidade.

Com as rupturas geradas pela transição do Ensino Médio para o Ensino Superior,

o estudante sente a necessidade de criar laços nesse novo ambiente como uma forma de se manter no curso. Geralmente, as experiências durante o primeiro ano no ambiente universitário têm uma importância para a permanência no Ensino Superior e para o sucesso acadêmico do estudante. Além disso, os estudantes que se integram academicamente e socialmente desde o início do curso têm mais chances do crescimento intelectual e pessoal do que aquelas que passam por dificuldades nessa transição (TEIXEIRA et al., 2008).

Em relação à permanência associada à socialização, a evasão no Ensino Superior é mais provável para os estudantes que estão insuficientemente integrados academicamente e socialmente à Universidade (POLYDORO et al., 2001). De acordo com o Modelo de Integração do Estudante proposto por Tinto (1975), a integração acadêmica e social está relacionada com as decisões de permanecer ou abandonar um curso. A integração acadêmica diz respeito ao sentimento de estar integrado ao ambiente universitário. Já a integração social diz respeito à satisfação pessoal vinculada ao convívio com outras pessoas, sejam elas colegas de curso, professores, funcionários, no ambiente universitário e ao desenvolvimento pessoal ligado a esse convívio. Essa integração acadêmica abrange questões como sobre o estudante, como: sentir-se parte do grupo e sentir-se bem no ambiente universitário.

Essa é a configuração social e biográfica na qual o estudante se depara, desde os primeiros momentos na sala de aula ou nos corredores, com a sinalização clara e cotidiana do seu grupo de convívio, mesmo quando os laços sociais ainda são fracos, expressando a mensagem implícita: agora você é um de nós, mais um colega na turma. Isso é o que uma sociologia fenomenológica chamaria de ingresso no mundo social dos consociados, onde a relação com o coletivo vincula o eu pessoal à experiência simultânea do grupo: “Afirmo, acerca de um tu, que este faz parte do meu mundo social de consociados quando coexiste comigo temporalmente e em comunidade de espaço” (SCHÜTZ, 2018, p. 250).

Conforme Baker e Siryk (1989), haveriam quatro dimensões relacionadas à integração acadêmica: ajustamento acadêmico, que tem relação ao atendimento das demandas educacionais que a instituição oferece ao estudante; o ajustamento relacional-social, que se refere às demandas interpessoais e sociais da vida universitária; o ajustamento pessoal-emocional, que faz referência ao estado psicológico e emocional do estudante; e por último, o comprometimento com a instituição/aderência, que faz referência com a qualidade da ligação entre o estudante e o curso e o estudante e a instituição.

Contudo, essa abordagem sobre a integração acadêmica é excessivamente funcionalista e normativa, se orientando pela lógica dualista de ajuste e desajuste. De fato, a cultura do mundo social dos estudantes, que poderia ser vista como uma subcultura no interior do mundo universitário global, é mais crítica e reconstrutiva, estando baseada em sucessivas crises e adaptações, que são tanto formas personalizadas como construções coletivas compartilhadas. Diante das rupturas geradas pela transição e sendo a integração

como um grande peso na vida acadêmica do estudante universitário, alguns desses discentes, mesmo passando por essas rupturas e tendo dificuldade em adaptar-se e integrar-se, não chegam a abandonar o curso. Assim, permanecer ou abandonar o curso não pode ser compreendido como consequências da integração acadêmica ou de sua falta.

Além disso, a integração ao mundo social da universidade pode ter diferentes interpretações, conforme seja o tempo de experiência, o significado e o sentido da socialização acadêmica. Para os estudantes cujas socializações não foram realizadas no período inicial curso, essas primeiras experiências no ambiente universitário podem não ter tido um peso tão significativo quanto para os alunos que utilizam da socialização como uma maneira de alívio afetivo e de motivação. Para Ferreira (2014, p. 131):

[...] a socialização universitária serve, simultaneamente, como meio de alívio afetivo, pela satisfação emocional e social (amizades, encontros, festas, passeios, sexo, relações amorosas), e como recurso comum e autogerido para a realização bem-sucedida das tarefas acadêmicas e a compreensão dos conteúdos (apresentações em sala de aula, participação em eventos e boas notas).

Nessa visão da socialização como alívio afetivo, os estudantes com trajetórias de socialização que ocorreram de uma maneira mais lenta, desenvolvem estratégias para substituir o alívio afetivo proporcionado por essa socialização entre pares, como a socialização individualizada, isto é, menos grupal, porém intenso e extremamente significativo, através da figura de uma pessoa que se configurou como um “outro significativo” crucial para a evolução pessoal e acadêmica.

A partir do que foi discutido acerca da socialização no Ensino Superior, bem como os estágios de adaptação, podemos inferir que criar e manter laços de amizade durante o curso é de fundamental importância para a permanência, sendo, dessa forma, a socialização uma questão de sobrevivência no Ensino Superior. Ferreira (2014, p. 118) traz a discussão sobre a sobrevivência acadêmica:

A sobrevivência acadêmica dos estudantes, de fato, depende do seu engajamento cognitivo e social no meio ambiente universitário, com a construção de estratégias de aprendizagem e com investimento em processos de socialização, efetivamente orientados mais por relações sociais, pessoais e coletivas, do que institucionais. Adaptar-se simultaneamente às exigências cognitivas e relações sociais de ensino superior, contando com os amigos, colegas, colegas e professores, para suprir as deficiências organizacionais, não é uma “escolha” dos estudantes: a maioria descobre rapidamente que é a única chance de sucesso real nos seus projetos de estudo e de formação profissional.

Corroborando com Ferreira (2014), Medeiros (2018, p. 108) traz a discussão acerca da socialização como forma de sobrevivência acadêmica, sendo ela uma contribuição para o sucesso acadêmico dos estudantes, pois, “no cerne das relações que estabelecemos com nossos pares, encontramos ferramentas indispensáveis para sobreviver à universidade”. Dessa forma, ainda de acordo com Medeiros (2018), é por meio dessas relações que há um fortalecimento na adaptação a esse novo ambiente, além de que a socialização promove

a afetividade, o apoio, o conforto e também o alívio emocional, que são fundamentais para amenizar a trajetória árdua que é ser estudante.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido acerca da socialização no Ensino Superior, é possível levantarmos alguns pontos que foram fundamentais nessa discussão. O primeiro ponto a ser levantado é acerca da importância de se compreender os efeitos desestabilizadores da experiência de transição do Ensino Médio para o Ensino Superior. Paralelamente ao desequilíbrio acadêmico e social vivido intensamente nesse período de passagem, como tempo de adaptação ao novo meio e reconstrução pessoal, que é cognitiva e emocional, o primeiro ano do estudante na instituição universitária é crucial para a sua permanência produtiva e para a perspectiva de conclusão do curso.

Assim, essa transição entre essas duas etapas de ensino, ensino médio e ensino superior, é marcada por diversas rupturas e crises que podem levar ao abandono precoce do curso. Mas, também há processos nessa reconstrução e adaptação social ao meio ambiente universitário, mediado e reforçado pelo grupo de colegas que orientam uma autêntica ressocialização acadêmica, como guias práticos e informais sobre a vida cotidiana na universidade, favorecendo, através desse convívio com pares, a confiança e a capacidade de permanência nos estudos. Para que isso ocorra, o estudante também se utiliza dos seus artifícios personalizados, como a criação de modos próprios ou a reinterpretação de estratégias de colegas, meios com os quais se adaptam à nova realidade acadêmica.

Mas essas experiências pessoais também servem como fonte de relatos e interações com outros estudantes, compartilhando e ampliando o que se poderia chamar de capital social do estudante, configurando uma rede de grupos e contatos que legitimam o seu pertencimento à comunidade. Uma das estratégias é a busca de laços duradouros com os seus colegas de curso, com os quais estabelece relações de confiança, de lealdade e de trocas entre camaradas, nas tarefas estudantis e nas demonstrações de afeto desinteressado, podendo chegar à identificação com ideologias políticas e com a cultura profissional do mundo do trabalho. Na dimensão emocional, como contraponto afetivo aos momentos de frustração e tristeza, essas amizades são capazes de gerar e reforçar sentimentos profundos de alívio, de segurança e de orgulho nos estudantes.

A criação desses laços de solidariedade, que constituem o cerne da afetividade da socialização acadêmica, que pode ser vivida com baixa intensidade emocional, buscando antes o pragmatismo do bom desempenho das tarefas estudantis, pode ser igualmente vivido como um aprendizado moral prático. Entre colegas de curso, a convivência com outros estudantes geralmente leva a novas amizades, novos momentos de aprendizagem

social, de reconhecimento do valor da colaboração e da alteridade, de se sentir parte de uma rede de apoio, com sentidos e significados muito além dos objetivos acadêmicos.

Mesmo no seu sentido funcional, é a partir da socialização que os estudantes encontram uma forma eficaz de sobreviverem às provas, ao excesso de conteúdo e até mesmo para sobreviver aos seus problemas pessoais, superando as frustrações, as culpas e a vergonha de fracassos. Mas também, como efeito da experiência de uma socialização bem-sucedida com seus pares que os estudantes encontram seu espaço próprio para os momentos de justo orgulho, de júbilo e de reconhecimento de suas realizações.

Concluindo, é de extrema importância que se façam investigações sociológicas que compreendam os sentidos e as práticas da vida estudantil cotidiana, visto que a partir delas, é possível conhecer como os estudantes constroem as formas de adaptação e de sobrevivência no meio ambiente da universidade. É a partir dessas pesquisas sobre as vivências significativas, isto é, com meios e propósitos conhecidos (permanência e conclusão do ensino superior), que podemos conhecer os sentidos objetivos e subjetivos dos estudantes. É também com pesquisas baseadas nas interpretações e na autenticidade compreensiva das experiências sociais dos estudantes, que se possa pensar em formas institucionais de apoio para melhorar as suas trajetórias produtivas na Universidade.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXI, 2011, p. 121-139.

BAKER, Robert; SIRYK, Bohdan. **SACQ Student adaptation to college questionnaire: Manual**. Los Angeles (CA): Western Psychological Services, WPS, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade. In: **A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação/**Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Dados do Censo da Educação Superior 2015**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/centso_superior/documentos/2015/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2014.pdf. Acesso em: 15 ago. 2018

COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008. 278 p.

DIONÍSIO, Bruno Miguel. Sentidos estudantis da formação acadêmica. **Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia**. Braga, 2004.

FERREIRA, Adir L. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan. /abr., 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean . **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MEDEIROS, Marília do Vale Góis Pacheco; COSTA, Jennifer Juliana Barreto Bezerra; FERREIRA, Adir Luiz. **A socialização universitária e suas faces: um olhar mais próximo de uma estudante e suas (dês) motivações**. XXVII Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica – CIC UFRN. Natal, 2016. Disponível em: <<http://cic.propesq.ufrn.br/trabalhos.php###resultado>> Acesso 09/05/2020

MEDEIROS, Natalia Cristina de. **A socialização extraclasse e extrauniversidade como estratégia de sobrevivência acadêmica de estudantes do ensino superior na UFRN**. 2018. 118 f. Dissertação (mestrado em educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge et al. **Desenvolvimento de uma escala de integração ao ensino superior**. Psico-USF, 6, 11-17, 2001.

SCHÜTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social**. Uma introdução à sociologia compreensiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SILVA, Edilene Dayse Araújo da. **Quando desistir não é uma opção: socialização e estratégias de permanência de estudantes populares da UFRN**. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

TEIXEIRA, Marcos Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)**, Uberlândia, v. 12, n. 1, Jan./Jun., 2008

TINTO, Vicent. **Drop-out from higher education**: Theoretical synthesis of recent research. Review of Educational Research, 45, 89-125, 1975.

TURNER, Jonathan H. **On the origins of human emotions**. Redwood City (CA): Stanford University Press, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise fatorial 131, 132, 134, 135, 136, 138, 143

Apl 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Arquitetura ribeirinha 157, 160, 168, 169

Arte 3, 43, 45, 95, 98, 99, 106, 174, 182, 185, 188, 189, 190, 191, 228, 229, 233, 237, 238, 240

Autocomposição 193, 194, 195, 198, 201, 202, 203, 225

Autoconfrontação 204, 205, 206, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221

B

Barreiras 2, 3, 6, 11, 12, 17, 187, 189, 235

C

Características socioeconômicas 2

Casa das rosas 171, 173, 181

Clínica da atividade 204, 207, 212, 220, 221

Conciliação 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 223

Conflitos 2, 4, 46, 48, 50, 51, 52, 102, 115, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 222, 223, 224, 225, 229, 232

Cracolândia 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117

D

Dependência química 107, 108, 114, 116, 117

Discurso 67, 85, 133, 183, 187, 206, 208, 209, 212, 213, 215, 220, 221, 233, 238, 239, 240, 242

Disney world 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

E

Ebit 30, 31, 32, 35, 37, 38, 39, 40

Educação 3, 4, 5, 6, 7, 6, 10, 82, 96, 102, 105, 106, 112, 121, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 141, 145, 146, 147, 150, 155, 156, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 191, 204, 205, 206, 209, 220, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 237, 246, 247, 251, 261

Educação patrimonial 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Empreendedorismo feminino 1, 2, 3, 5, 7, 8, 11, 12, 13

Endividamento 11, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41

Ensino superior 7, 9, 11, 15, 97, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 205, 206, 212

Estado da arte 43, 45, 98, 99, 106

Estratégia competitiva 55, 56, 59

Eventos sustentáveis 65, 73, 75

Exclusão social 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109

F

Fabricação digital 157, 159, 165, 169

G

Gênero 6, 7, 8, 9, 86, 97, 104, 172, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 209, 212, 213, 229

Gestão de pessoas 43, 44, 45, 46, 48, 51, 52

Gestão de projetos 46

H

História da enfermagem 245

I

Impactos sustentáveis 65, 68

Incubadora 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28

Indústria de eventos 65, 68, 73

Indústria têxtil 55

J

Justiça restaurativa 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

L

Lgbt 233

Liminaridade 184, 185, 186, 187, 191

Liquidez 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 135, 184, 235

M

Mapeamento 81, 85, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 118

Marketing 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 57, 64, 71, 72, 74, 75, 82, 83, 144, 235, 262

Modelagem de equações estruturais 131, 132, 138, 139, 141, 143

Mudanças sociais 82, 119, 120, 121, 122, 127

P

Pedagogia jurídica 119

Performance 49, 50, 56, 76, 184, 185, 190, 191, 204

Pessoas em situação de rua 101, 107, 108, 111, 112

Política 84, 88, 91, 94, 101, 102, 103, 105, 108, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 126, 135, 136, 182, 184, 189, 190, 203, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241

Prototipagem rápida 157, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 168

R

Rádio 119, 120, 121, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 235

Rentabilidade 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 40, 41

S

See now buy now 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

Sexualidade 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

Sobrevivência 21, 25, 29, 57, 73, 145, 149, 151, 153, 155, 156, 255, 256, 263, 265, 266, 271

Socialização 87, 88, 89, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 190, 228

Startup 14, 15, 19

Sustentabilidade 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

T

Turismo cultural 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

V

Variável latente 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143

Y

Youtuber 233, 235, 238, 240, 242

Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Avanços, Recuos e Contradições

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2020